por Mário Silva Carvalho

XI Concurso Literário "Descobrir Vizela" 1º Prémio - Melhor Texto



Mensagem do Presidente

Vizela foi e é uma terra de grandes costumes literários e culturais. Atendendo à evolução dos tempos e tendo em conta que esta nova edição será exclusivamente editada em formato digital, com o objectivo claro de dinamizar, atrair e fomentar o gosto pela escrita e pela leitura, pretende-se despertar o gosto e o fascínio pelo Concelho de Vizela que, por si só, tem encantos ínfimos.

Congratulamo-nos também por mais um sucesso do Concurso Literário "Descobrir Vizela", que conta agora com a sua 11º edição e com um formato completamente diferente, fruto da evolução dos tempos.

O vencedor deste ano é Mário Fernando da Silva Carvalho, de 65 anos, com o conto "O Brasileiro de Vizella".

Nesta ótica e porque Vizela, para além do gosto pela tradição e pelos seus ricos costumes, sabe quando deve evoluir, este ano, e como já referido, os contos vencedores chegarão exclusivamente aos lares dos Vizelenses via internet, através da página oficial do Município.

O Presidente da Câmara

Dinis Manuel da Silva Costa



Mário Fernando da Silva Carvalho

Mário Silva Carvalho, nascido a 5 de agosto de 1948.

Licenciado em História pela Universidade de Coimbra.

Iniciou as lides da escrita apenas depois de se aposentar da carreira de bancário em 2013.

Nesse mesmo ano ganhou o Prémio Literário João Gaspar Simões com o romance "Diário de Um Carbonário".

"Diário de um Carbonário – O Primo Aprendiz" encontra-se em processo de edição devendo ser lançado no próximo outono pela "Chiado Editora".

Recebeu igualmente uma 1º Menção Honrosa nos Jogos Florais da Murtosa como conto "A Bicicleta do Juvenal".

Em 2014 ganhou a 15ª Edição do Concurso Literário – Prémio Dr. João Isabel com o conto "O Regresso do Artur".

Artur Brasileiro pensava ter nascido na paróquia de São Miguel das Caldas de Vizela, a menos de duas léguas de Guimarães. A família ficou perdida nos labirintos mais escuros das suas memórias, muito pequeno começou a servir numa casa de lavoura, no lugar de Infias. Andava pelos catorze anos quando entusiasmado por um companheiro mais velho, o Joaquim, a quem chamava tio, aproveitou uma rara folga de domingo e, na companhia deste, fugiram os dois das casas onde serviam. Meteram-se num comboio que descia de Guimarães para a Trofa. Com a sorte que protege os que tudo arriscam por nada terem a perder, conseguiram escapulir-se da estação da Trofa sem que ninguém os visse. Acoitaram-se nuns palheiros vizinhos, onde pernoitaram na companhia das vacas, galinhas, ovelhas e de uma avantajada junta de bois com enormes e retorcidos chifres, que com hospitalidade lhes proporcionaram ovos e leite, para além das palhas onde se enterraram. O guardador dos animais quase que os filava quando batiam, numa malga esboroada e presa com gatos, quatros ovos num pouco de leite. Entenderam não forçar a sorte, dormiram um primeiro sono, aproveitaram as sombras e rondaram a estação à procura da oportunidade de seguir viagem. Conseguiram trepar para a guarita dos freios de um vação de carga. Acocorados e colados, seguiram viagem tentando proteger-se do frio que aquela manhã de abril trazia. Devagar, largando fumo e faúlhas, o comboio foi apontando ao Porto. Várias paragens e arranques e os dois rapazes seguiam a tentar descobrir o que os esperava na grande cidade. Finalmente

numa paragem mais longa, entreabriram uma das portinholas da guarita e descobriram estar na estação de Ermesinde. O vagão em que seguiam ficara estacionado mesmo junto ao cais. Sempre que ouviam vozes, ainda mais se encolhiam um contra o outro, fechando os olhos, abrindo os ouvidos.

— Estão ali dois melros na guarita! — Ouviram, tolhidos de receio, temendo que tivessem sido detetados.

Dois revisores de material circulante, armados de martelos com cabos do tamanho de um braço, treparam a correr a escada de acesso à guarita. Os melros, sem asas, fugiram como puderam, por pouco não foram metidos na gaiola. Eles eram novos e estavam habituados a subir a árvores, saltar cercas e ribeiros. Deixaram para trás os ferroviários e desceram em direção a um rio que por esses dias levava águas barrentas e revoltas. Um pequeno carreiro seguia o serpentear das águas. Entenderam continuar a caminhada, acompanhando o caudal. Foram-se cruzando com passantes ocasionais, andavam na labuta das suas vidas e só lhes dirigiram cumprimentos breves, aqueles dois rapazes de vestimentas coçadas, amarrotadas, despenteados e olhares assustados não valiam mais do que um bom dia fugidio. À sua frente seguia um carro de bois tocado por um homem gordo que afoquentava a passarada com uma aleare cantoria. Aceleraram o andar e não tardaram a cumprimentar o cantor matinal. O carreiro era um homem feito, de meia-idade, e respondeu com simpatia ao cumprimento medroso. Perauntou-lhes se conheciam ou já tinham ouvido falar do Púcaras de Recarei. Eles nunca

tinham ouvido pronunciar uma palavra sobre tal personagem; sentiram necessidade de dizer de onde vinham e como chegaram ali junto ao rio, que agora souberam ser o Leça. O alegre carreiro, enquanto conversava com os bois a aconselhar que travassem o passo que o caminho era longo, informou os rapazes que eles estavam perante o Púcaras, homem bem conhecido por aquelas paragens.

Seguiram em animada conversa e acabaram por confessar ao Púcaras que procuravam trabalho no Porto. O carreiro deu-lhes o conselho de procurarem lida por aqueles campos; depois, mais tarde, melhor vestidos e calçados, talvez conseguissem chegar à cidade. Fez-lhes uma proposta: seguiriam para a sua casa em Recarei, ajudariam a preparar e carregar uma carrada de estrumes. Em paga oferecia a ceia: um prato de sopa fresca com um bom pedaço de carne a boiar e um naco de broa de milho. Podiam pernoitar no palheiro dos bois. No dia seguinte o Púcaras voltaria pelo mesmo caminho até Águas Santas para entregar as estrumeiras a um lavrador e eles poderiam seguir para Santiago de Custóias, onde por feliz acaso iria decorrer a Feira dos Moços de Abril. Não tardaria, bem aconchegados, estarem a trabalhar numa farta casa de lavoura.

O Púcaras explicou que na feira, que acontecia duas vezes por ano, na primeira terça-feira de abril e no dia um de novembro, os lavradores abastados das terras da Maia procuravam no Largo do Souto, moços para os seus campos ou para cuidar dos gados. Combinavam a soldada e o contrato era lavrado com um aperto

de mão na taberna da feira. O patrão convidava e pagava a "cabrita", um prato de bacalhau frito, broa, figos de seira e vinho branco.

Os dois amigos entreolharam-se e concluíram que não perdiam em tentar a sua sorte.

O Púcaras não exagerou, a sopa consolava de aromas e sabor, estava tomadinha de sal com bons bocados de carne entremeada. Comeram e repetiram que a fome já lhes fazia um cerco apertado há dois dias.

Na manhã seguinte, informados da melhor estrada, caminharam para Santiago de Custóias, que ficava perto. O largo estava animado e nas tabernas já se assinalavam os primeiros contratos. O Joaquim foi o primeiro a encontrar um lavrador interessado nos seus lavores. Foi contratado como moço maior, sabia de todos os ofícios de lavoura, desde tocar os bois, cegar erva, cortar os matos, podar as videiras, lavrar e semear os cereais. Não tardou a abancar de volta de um prato de bacalhau que fazia crescer água na boca. O Artur, muito novo, franzino, foi ficando para trás sem ninguém que se interessasse pelo seu trabalho. O Joaquim partiu para os lados de Guifões garantindo que aguardava a visita do Artur na primeira folga.

Ao fim do dia um lavrador aproximou-se e convidou-o a seguir para casa. Finalmente o Artur meteu os pés debaixo da mesa e atirou-se ao bacalhau frito. Foi apalavrado como moço de soga. Contratado pelo comer e vestir, nem um tostão cheirava.

Dividia o sobrado do curral dos animais com as colheitas, de um

lado arcas de milho, batatas e abóboras e do outro num canto, defendido por uns tabiques que não passavam de falheiras, o seu catre disposto em cima de quatro bancos.

Em cima do leito encontrou o enxoval. Dois pares de calças de cotim, dois pares de socos descambados e duas camisas de riscado. Uma capa de oleado para o frio e a chuva completavam a indumentária. Folgava ao primeiro domingo do mês.

O pior é que o lavrador gostava de semear bofetão; todos os motivos lhe serviam para lhe aquecer as costas. Ou era o gado que não estava bem aparelhado na canga ou eram as correias e tirantes que estavam gastos, ou ele tinha mandriado e não mudara a cama de mato aos animais. Tudo servia para lhe cascar do forte.

A mulher ajudava à festa, cortando na ração e fazendo queixas ao homem:

- Mal viras as costas ele mandria. É lambão e ronceiro!
- Não vales a comida passou a ser o dito mais ouvido.

O Artur, sem caminhos para andar, a tudo resistiu, aprendendo a sobreviver naquele antro de gente dura e má, sempre com o Deus, Jesus e Nossa Senhora nos dentes e que não perdiam missa, terço, procissão ou novena. Empanturravam o abade com arrozes de cabidela, degolando o melhor capão. Ele comia uma sopa chorada de couves, com uns feijões a boiar. Era luxo quando encontrava, no prato, um naco rançoso de toucinho. Começou a ter a mão ligeira, depenando a melhor fruta, bebendo ovos, limpando os maiores tomates do quintal, repenicando as uvas

mais saborosas.

O tempo passou e um dia, pelos dezasseis anos do Artur, o lavrador que tinha ido a uma feira, vinha acelerado pelo verde tinto e por qualquer razão começou a desancar no rapaz. Desta vez ele não amochou; puxou a vara de tocar os bois que tinha à mão e respondeu na mesma moeda, zurzindo o costado do lavrador. O homem recuou, procurando refúgio na cozinha que era ao lado do pátio e regressou de pistola em punho, jurando matar o monte de esterco que lhe tinha levantado a vara. O rapaz, de cabeça perdida, não recuou e ainda antes de ele disparar aplicou uma varada no braço e a pistola voou para cima de um monte de feno. Então sim, acertou as contas com o patrão. Deu tantas e com tanta força que julgou que o tinha morto.

Subiu ao sobrado, fez uma trouxa dos seus haveres, roubou as botas domingueiras do lavrador, que estavam a secar ao sol, recolheu a pistola que descansava no meio do feno e colado às paredes fugiu sem saber bem para onde. Caminhou ao acaso virando para o lado que sabia ser do mar, encontrou um rio. Era o Leça e naquele setembro levava boa água; as chuvas do fim de verão tinham engordado o caudal. Acocorou junto a uns salgueiros e tentou pensar o que podia fazer, sem dinheiro e sem rumo e com o regedor a pisar-lhe os calcanhares. Acreditou que o melhor caminho seria o mais distante. Tomou a decisão de fugir para Lisboa, que ficava num canto distante daquelas terras. O tempo de descanso deu-lhe uma ideia que o podia ajudar. Ensaiou a sua morte por afogamento. Trocou de roupa,

vestindo o que de mais remediado tinha, calçou as botas, meteu uma velha samarra debaixo do braço, de tão gasta e pequena mais parecia uma jaqueta. Deixou bem à vista, na margem, a pistola e a trouxa com todos os haveres. Desenhou com os socos um caminho, criando um rasto bem vincado na direção do rio, apagou com uns ramos, os vestígios que as botas novas faziam. Procurou caminho batido e em passadas largas deixou para trás o seu passado. O sol mergulhava para os lados do mar quando ele se aproximava da cidade do Porto.

Aproveitou um grande silvado para lançar os socos com que tinha feito a esteira do seu caminhar para a morte. Procurou um canto de pernoita. A noite foi suave e o frio com alguma humidade só de madrugada lhe bateu nos ossos. Com a claridade meteu as botas ao caminho, tentando desaparecer no meio do magote de gentes que procuravam a cidade. Perguntando aqui e ali, foi ter à Quinta do Pinheiro, onde ficava a Estação dos Caminhos de Ferro de Campanhã.

A lazeira — nada mastigava desde a véspera — começava a roer-lhe o estômago. Viu junto a um muro paredes meias com as linhas ferroviárias umas figueiras de pingo mel vergadas com fruta madura. Foi o maná que Deus lhe enviou. Comeu para o dia, num chafariz vizinho, arredou mulas e machos e saciou a sede.

Rondou a estação para descobrir o modo de entrar e tomar o comboio sem pagar. O que conseguiu foi despertar a curiosidade de uns porteiros abelhudos. Acabou por seguir uns rapazolas ranhosos que tinham sido sacudidos pelos guarda-portões e,

passando por baixo das linhas, por um pequeno túnel, foi ter às traseiras da estação, mesmo a tempo de ver os mariolas saltarem um muro e desaparecerem por entre vagões ali estacionados.

O tempo era coisa que não lhe faltava e os figos tinham comido a sua fome. Esperou, esperou e de repente saltou para dentro da estação, procurando refúgio na guarita de uma carruagem. Uma máquina resfolgava, anunciando a partida e não enganava na direcção. Apontava ao Douro e ao Sul. Uma correria e, como estivesse a saltar um barranco, pinchou para um vagão aberto e sem carga, aconchegou-se o melhor que pôde nos taipais do lado da máquina e do vento e foi entre frechas que viu o rio passar debaixo dele. Colado ao chão, barriga para o ar, seguiu viagem. Em Ovar, num descuido, levantou a cabeça e foi visto por um funcionário, que lhe gritou e perseguiu numa correria breve.

As mais de sessenta léguas de caminho para Lisboa levaram uma larga semana a percorrer e a única companhia que encontrou foi a fome, o medo, a sede e o frio.

Valeu ser setembro... O mês das frutas! Depenou pelo caminho muita figueira, macieira e outras árvores com que se cruzou. Conseguiu chegar a Santa Apolónia e quase foi fisgado pela polícia, por conta dos roubos miúdos que fez para matar a miséria. Em desespero, acabou por se meter num grande vapor azul-escuro, que estava acostado a um dos cais do Tejo. Rabeou de fome, mas só saiu do esconderijo quando o barco zarpou e estava ao largo. Não resistiu ao cheiro da comida e ainda antes de chegar à cozinha foi apanhado. Levou uns bons sopapos

dados por um marinheiro de linguarejar desconhecido. Ele nem estranhou, estava habituado a comer ainda mais grosso. Foi conduzido ao comandante, que começou com a ameaça de o lançar borda fora. O Artur, quando viu o olhar do homem, foi como tivesse a visão de ter encontrado o Anjo da Guarda. Sorria a ameaçar e falava com bons modos. Queria saber se ele tinha companhia e o que fazia, ali, naqueles trajes de miséria. O rapaz em lágrimas, como estivesse em confissão, contou todo o caminho da sua vida. Foi um deus e um pai que ele encontrou. O comandante ainda lhe perguntou, num português cantado:

- O que sabes fazer?
- Tudo! Menos nadar respondeu de maneira afoita.

E assim começou uma nova vida, boa mesa, boa roupa, bom vinho e melhor cama. E muito trabalho. Coisa que nunca assustou o Artur. O barco era italiano e fazia a viagem entre Génova e os portos brasileiros e argentinos. Vinte longos anos passaram, nesse vai e vem, levando vinho e emigrantes e trazendo café, açúcar, carnes de boi e de cabra em barricas de salmoura. O Artur começou a desempenhar as tarefas mais simples e pesadas. Com o rodar dos anos, o comandante aprendeu a confiar-lhe fainas mais importantes, com o tempo passou a ser o contramestre do barco, marinheiro estimado e bem recompensado. Aprendeu a ler e escrever e o mundo dele era aquele casco de ferro que todos os meses cruzava o Atlântico. Raramente abandonava o navio. Ele tinha um segredo só partilhado com o comandante: não tinha um papel, uma cédula, um certificado, um assento que

dissesse quem era e de onde vinha. Era um homem só no mundo. Acostou em Lisboa várias vezes, sentiu vontade de descer e voltar a fazer a viagem de retorno às suas origens. Gostava de descobrir quem era, quem tinham sido os seus pais, teria família? Irmãos? E o Joaquim? O que seria feito do seu companheiro de fuga? Um dia no mar alto, bem perto da Madeira, o barco apontou a Lisboa e ele foi chamado ao velho, muito velho, comandante. Aquela era a sua última viagem. E o barco também ia encostar para grandes reparações. O comandante quase choroso fez as despedidas, estava na hora da partida. Ainda tinha uma grande surpresa para lhe oferecer:

— Como não tens documentos, aqui estão os do João Timóteo. Cidadão bom, livre e brasileiro. O primeiro dono, sozinho no mundo como tu, há muito que desapareceu engolido pelo mar. Durante anos procurei em vão a sua família. Finalmente, encontrei um bom destino para estes documentos: passam a ser os teus a partir de hoje.

Dois dias depois, o João Timóteo Costa desembarcou em Lisboa, carregando uma boa saca de libras que tinha ganho com honra e muito suor em todos estes anos. Procurou um local discreto para viver e instalou-se numa pensão na travessa das Pedras Negras, número oito, segundo andar, perto da Igreja da Madalena.

O Artur abraçou esta nova identidade e procurou junto da embaixada brasileira atualizar os documentos que tinha herdado. Devagar os seus pés pareciam querer ganhar raízes, nesta terra que era a deles, mas que por solidão, miséria e abandono se

tiveram que meter aos caminhos da vida.

Iria aguardar os documentos que solicitara às autoridades brasileiras e partiria para o Rio de Janeiro. Antes haveria de ir às Caldas de Vizela e às terras que na sua memória distante lhe continuavam a acenar.

la vencendo o tempo passeando pelas ruas buliçosas da Lisboa pombalina, reencontrou sabores e cheiros. O mundo dele por quase vinte anos ficara restringido ao espaço e compasso do navio, agora em cada dia ganhava asas. Sentia um chamamento longínquo que o impulsionava a rumar ao norte. Foi à estação do Rossio tentando saber como podia chegar a Vizela. Bastava comprar o bilhete, soltar as amarras e partir.

Um anúncio publicado no "Diário de Notícias" despertou-lhe ainda mais as vontades:

OS MÉDICOS MAIS CONCEITUADOS RECOMENDAM TERMAS DAS CALDAS DE VIZELA Companhia de Banhos de Vizela Reumatismo, nevralgias, dermatoses, Dispepsias, sífilis Catarros das mucosas Doencas crónicas das vias respiratórias

O caminho estava traçado. Se conseguisse sem surpresas os documentos seguiria para Vizela, seria um brasileiro à procura da cura para os seus males solitários. Haveria sempre a possibilidade

de haver contratempos e a embaixada do Brasil pedir informações adicionais, outros esclarecimentos. Não insistiria, voltaria a ser o Artur e regressaria às origens na procura dos seus antigos familiares. O bom saco das libras, que foi juntando ao longo dos anos, iriam ajudar a resolver e ultrapassar qualquer pendência que lhe surgisse.

No jornal "O Século" voltou a encontrar indicações da terra da sua infância. Lamentava, mas na memória não guardava qualquer referência a termas e a banhos; buscando e rebuscando apenas encontrou na lembrança brincadeiras de menino em torno de fontes de água quente. Dizia-se que o mafarrico tinha um forno debaixo do chão e quem se portasse mal era arrebanhado, pelo diabo, para ir alimentar as fogueiras da água quente.

"... Cada vez confirmam mais o seu alto renome, levando-o de boca em boca e de povoação em povoação, por meio de numerosos paralíticos, de frequentes herpéticos, de não poucos asténicos de excessos físicos e morais. E dum sem número de reumáticos de todos os géneros, alem mesmo doutros, muitos diversos padecentes, curados quotidianamente doutras muitas e diversas afeções..."

Um boletineiro passou pela pensão das Pedras Negras e deixou a mensagem: deveria passar pela embaixada para levantar documentação do seu interesse. Não foi muito demorada a sua visita, os documentos, carregados de tinta fresca, não enganavam. Ele era o João Timóteo Costa, solteiro, natural de Itambé do Mato Dentro, Minas Gerais, filho de António Jesus Costa e de Laurinda Timóteo, nascido a cinco de agosto, no ano de mil oitocentos e setenta.

Havia alguns passos a dar antes de tomar o comboio. Nos dias anteriores tinha namorado nas montras das mais belas lojas, as roupas que pareciam ter sido feitas para ele. Encomendou, na rua de Santa Justa, na alfaiataria dos Irmãos Valentim, dois soberbos fatos de alpaca inglesa. Camisas, meias, gravatas e toda a roupa interior foram compradas na rua Garrett, nos armazéns do Ramiro Leão. Na rua dos Fanqueiros comprou uma vistosa mala de viagem toda feita de pele de vitela. Calçado não precisava, tinha herdado do comandante do navio uma coleção de sapatos e botins italianos de esmerado fabrico.

Resolveu fazer a viagem em duas etapas. Começaria por peregrinar até Campanhã, tentaria recordar a caminhada aos baldões que fizera há vinte anos em sentido contrário. Finalmente iria conhecer a cidade do Porto, terra que o tinha feito sonhar em menino e que o empurrara de olhos fechados para um comboio, naquele domingo distante.

O avanço para Vizela seria desenhado a partir das margens do Douro. Viajou em primeira classe, seguiu no comboio rápido, foi a primeira vez na vida que comprou o seu ingresso. O macio e bem almofadado lugar de veludo vermelho era bem diferente e distante do viajar encolhido, tolhido de frio e medo na guarita dos guarda-freios.

Ficou instalado no Grande Hotel do Porto, na rua de Santa Catarina. Enquanto aguardava na receção, a sua atenção foi despertada para um folheto de propaganda, caído ao acaso em cima de uma mesinha baixa:



Não podia esperar. O folheto foi o último sinal de aviso, o derradeiro chamamento. No dia seguinte, muito cedo, tomou o comboio e foi no Hotel Sul Americano em Vizela que jantou com apetite e emoção.

Recolheu ao seu quarto, tentando colocar em boa ordem os seus pensamentos, recordações, viagens ao passado. Tentou conciliar as suas ideias com um sono curto e reparador de uma sesta relaxante. Precisava de sair, ir à procura dos caminhos que percorrera tantas vezes descalço. Conhecia as histórias de emigrantes que no momento da partida das suas terras tinham feito uma jura, uma promessa, para os seus e para eles mesmos que um dia regressariam à terra, ufanos e ricos, e mostrariam a

todos a boa argamassa de que eram feitos. Ele nunca desenhara planos, traçara projetos, imaginara regressos em triunfo. Tinha fugido da fome, do abandono, nem sabia quem eram os pais. Iria comecar por esse caminho, um recanto escuro da sua memória pareciam dizer-lhe que nascera perto da igreja de São Miguel. Vizela que via no passado tinha sido ocupada por novos prédios, ruas modernas, comércios, restaurantes, pensões, hotéis, consultórios médicos, salões de chá e de bilhares. Nessa tarde o caminho era outro. Subiu a colina que apontava à igreja. Percorreu as ruas limítrofes tentando na teia das casas encontrar uma pista que lhe apontasse a rua onde teria nascido. la sem pressa e foi perguntando às pessoas mais velhas com que se ia cruzando se haveria alguma recordação de um menino rapaz de nome Artur que muito novo tinha ido servir para casa de um lavrador de Infias. Não havia raiz de lembrança nas pessoas que interpelou. Não desistiu e continuou a sua peregrinação, voltando a fazer as mesmas perguntas a outros passantes. O dia desde manhã que estava pintado com nuvens escuras, um vento travesso vindo do leste, acelerou as nuvens, que sem cerimónia despejaram a sua carga de água naquela tarde de dezassete de agosto de mil, novecentos e dez. Correu a abrigar-se e o melhor poiso que encontrou foi a entrada de uma modesta taberna. As chuvas castigavam com pingos grossos a terra seca, libertando um odor forte. Sorveu aquele ar, carregado de cheiros a terra, e teve a certeza de estar junto das suas raízes. Aquelas exalações tocaram fundo na sua memória.

Tinha redescoberto o cheiro do seu chão.

Da taberna um novo aroma despertou os seus sentidos. A alegre taberneira conversava com voz risonha com o homem taberneiro e na mão trazia uma travessa de postinhas de bacalhau frito. Num voo, saltou para Custoias e para a cerimónia de compromisso da "cabrita". O taberneiro ficou surpreendido por aquele cavalheiro lhe pedir uma posta de bacalhau frito e, com mais cuidados do que era costume, foi buscar um prato, escolhendo o menos rombo e cuidou que a caneca em que serviu o vinho verde tinto não tivesse remendos nem falhas. Comeu e repetiu, gabou e pagou, deixando uma boa lembrança adicional que levou o taberneiro a vir à porta despedir-se de tão benemérito cliente.

A chuva, como veio, partiu e viajou para longe. Igualmente o seu pensamento sacudiu as nuvens negras das incertezas e recebeu um céu azul, claro e sem sombras.

Caminhou o resto da tarde, admirando as paisagens e as senhoras de vestidos claros e leves chapéus de palha, adornados com florinhas.

Pediu no Hotel que pela manhã do dia seguinte lhe providenciassem uma caleche. Queria ir conhecer as redondezas. A noite foi de reviravoltas na cama e o colchão não foi o culpado; cavalgou pelo seu passado, começando a desenhar do que queria ser o seu presente e ganhando certezas sobre o amanhã. O cocheiro insistiu que o caminho que escolheu para o passeio matinal não era o que os banhistas visitantes traçavam. Nunca ninguém lhe pedira para ir de passeio até Infias. Foi mesmo para

Infias que seguiram. O João Timóteo tentou, sem conseguir, descobrir a casa de lavoura onde tinha servido, obrigou ao cocheiro a tocar a caleça por vielas e quelhos. Apeou-se, múltiplas vezes, tentando descrever pessoas e coisas que mantinha em memória a habitantes curiosos. Desistiu, tomou a decisão de retomar ao hotel. O cocheiro ainda o entusiasmou a ir visitar a Cascalheira, o local predileto dos visitantes. Não senhor, o hotel era o caminho.

A decisão estava tomada, la retornar a Vizela.

No dia seguinte regressou a Lisboa. Passou na embaixada do Brasil, indicou e formalizou a sua nova morada em Portugal.

Foi ao Montepio Nacional — Associação de Socorros Mútuos, no número setenta, da rua dos Correeiros, onde tinha feito o depósito da parte grossa dos seus dinheiros e comunicou a decisão de levantar os seus valores. Questionado sobre as razões do fecho da conta, foi elucidado que podia com vantagem manter os capitais naquela cumpridora e segura instituição. Tinham em toda a região norte correspondentes que lhe poderiam prestar os melhores serviços. Garantiram que o comboio, o correio e o telegrama levavam o banco a todos os cantos de Portugal.

Satisfeito com as explicações fez as suas despedidas. À pergunta se pretenderia dedicar o seu tempo a algum negócio nas Caldas de Vizela:

— Vai construir um hotel? — respondeu com um lento e enigmático encolher de ombros, um trejeito de dúvida e um olhar risonho. Guardou para si os planos que por aqueles dias desenhara.

Tomou o comboio, cortou as amarras do seu passado e encostou às suas raízes na bela e progressiva Vizela.

Tinha pressa em construir um amanhã novo.

Com tempo haveria de descobrir os seus parentes, iria a Custoias na busca do companheiro da primeira viagem, o tio Joaquim. Haveria de desvendar onde repousavam, vivos ou mortos, os seus familiares.

Queria lançar novas sementes nesta terra que era a sua.

Era o regresso a casa dum velho marinheiro, cansado de viajar por mares estranhos, eriçados de mil tempestades, que soltava a âncora amarga que trazia no peito e lançava as amarras de afetos no abrigo do seu porto seguro.

10 de fevereiro de 2014

Edição Câmara Municipal de Vizela - Pelouro da Cultura

> Ano 2014